

O MÉTODO DE ESTUDO DE CASO E SUA APLICAÇÃO EM PESQUISA SOBRE O ANIMISMO

Jacira Jacinto da Silva e Mauro de Mesquita Spínola

1 INTRODUÇÃO	2
2 AS ABORDAGENS DE PESQUISA CIENTÍFICA	2
2.1 Métodos quantitativos	4
2.2 Métodos qualitativos.....	4
2.3 Quando cada estratégia é usada	5
3 O MÉTODO DE ESTUDO DE CASO	6
3.1 "Como" e "por que".....	7
3.2 Etapas do método de estudo de caso.....	7
3.3 Limitações do método.....	8
4 ANIMISMO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
4.1 Kardec e o animismo	9
4.2 O que é animismo	11
4.3 Espécies de fenômenos anímicos.....	15
4.4 Exemplos	16
4.5 O animismo no centro espírita.....	18
4.5.1 Como identificar o fenômeno anímico nas comunicações	18
4.5.2 Com que incidência ocorre	19
4.5.3 O que tem sido feito	20
4.6 Um questionamento	20
5 UM EXEMPLO DE PROJETO DE PESQUISA: ANIMISMO	23
5.1 Visão geral.....	24
5.1.1 Questões	24
5.1.2 Proposições	24
5.2 Procedimentos de campo.....	24
6 CONCLUSÕES.....	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

1 Introdução

Este trabalho realiza uma pesquisa bibliográfica sobre os principais métodos de pesquisa e discute sua aplicação na pesquisa espírita, com ênfase no método de estudo de caso.

Os métodos de pesquisa podem ser classificados em quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos. Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação (realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema, e onde os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução), e o estudo de caso.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras. É utilizado como estratégia quando questões do tipo "como" e "porque" são colocadas, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real.

O método de estudo de caso recebe atenção especial, sendo apresentado e analisado com maior detalhe. São vistas as suas etapas fundamentais, além de alguns exemplos de aplicação em algumas áreas de pesquisa.

A aplicabilidade deste método em pesquisa espírita é discutida, com ênfase nas vantagens, dificuldades e riscos de sua utilização na área.

O trabalho se encerra com um exemplo de projeto de pesquisa de estudo de caso, cujo foco é o estudo do animismo. Visando a preparação deste protocolo é apresentada uma revisão bibliográfica sobre esse tema ainda pouco explorado.

2 As abordagens de pesquisa científica

Ao propor uma discussão sobre o problema do método na pesquisa espírita, há a necessidade de levantar uma questão prévia: qual a diferença entre pesquisa científica e senso comum? Pervez Ghaury e outros, ao destacar essa questão em seu estudo sobre a pesquisa na área de administração concluiu que¹:

- ✓ a pesquisa não é muito diferente da solução de problemas práticos,
- ✓ pesquisa é diferente de senso comum porque é feita sistematicamente, visa alcançar objetivos específicos e baseia-se em métodos específicos,
- ✓ o processo de pesquisa (que envolve decidir o que fazer, coletar informações, descartar informações irrelevantes, analisar as informações relevantes e buscar uma conclusão de forma sistemática) pode ser aplicado para qualquer processo de acumulação de conhecimento,
- ✓ a diferença entre uma observação científica e uma observação baseada em posição pessoal é que a pesquisa científica é feita sistematicamente e é baseada na lógica, não em crenças.

As conclusões de Ghaury, análogas às expostas por estudiosos de outras áreas, podem ser aplicadas também para o contexto da pesquisa espírita. O pesquisador de qualquer área possui crenças, experiência, e precisa, apesar disso, estabelecer um processo de pesquisa

¹ Pervez Ghaury. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 5-6

baseado na lógica e instrumentos objetivos (não subjetivos) de análise. A pesquisa deve ser, portanto, impessoal.

A segunda conclusão, em particular, é muito relevante para a pesquisa espírita, já que seu objeto de estudo – a alma dos vivos e o espírito dos mortos – tem natureza peculiar e seu estudo necessita de método adequado, observação já feita por Kardec:

*“As ciências ordinárias assentam nas propriedades da matéria, que se pode experimentar e manipular livremente; os fenômenos espíritas repousam na ação de inteligências dotadas de vontade própria e que nos provam a cada instante não se acharem subordinadas aos nossos caprichos. As observações não podem, portanto, ser feitas da mesma forma; requerem condições especiais e outro ponto de partida. Querer submetê-las aos processos comuns de investigação é estabelecer analogias que não existem”.*²

Herculano Pires complementa o alerta kardequiano mostrando que essa questão está também presente em outras áreas:

*“Encarando a obra de Kardec pelo seu aspecto científico, sem os preconceitos que têm impedido a sua justa avaliação, ela nos parece inatacável. Alega-se que o seu método de pesquisa não era científico, mas foi ele o primeiro a explicar que não se podiam usar na pesquisa psíquica os métodos das ciências físicas. O desenvolvimento da Psicologia provaria mais tarde que Kardec estava com a Razão”.*³

Além da Psicologia, também as ciências sociais, a economia, a medicina, a antropologia e outras disciplinas científicas necessitam, pela particularidade de seu objeto de estudo, de métodos específicos.

Ghaury mostra também que há dois caminhos para estabelecer o que é verdadeiro ou falso e desenhar conclusões^{4,5}:

- ✓ pela *indução*, tiramos conclusões gerais a partir de observações empíricas (quando usamos fatos para gerar uma teoria a ele consistente, estamos usando um pensamento indutivo, muitas vezes o primeiro passo numa pesquisa científica),
- ✓ pela *dedução*, tiramos conclusões baseados em princípios e leis, a partir de raciocínio lógico, procurando observar as conseqüências específicas de uma teoria formulada.

*“A diferença [entre dedução e indução] é que fatos adquiridos através de observações levam-nos a teorias e hipóteses, enquanto com a dedução (análise lógica) nós aceitamos ou rejeitamos as hipóteses”.*⁶

Ghaury estuda ainda como abordar um problema de pesquisa, concluindo que duas questões devem ser respondidas pelo pesquisador:

- ✓ qual é o problema e
- ✓ como deve proceder para resolver o problema⁷.

² Allan Kardec. *O livro dos espíritos*. p. 28-29.

³ José Herculano Pires. *Introdução à filosofia espírita*. p. 25

⁴ Pervez Ghauri e outros. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 5.

⁵ David Nakano e outros. *Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção*. p. 2.

⁶ Pervez Ghauri e outros. *Research methods in business studies: a practical guide*. p. 6.

Uma das maiores dificuldades da pesquisa está na clara caracterização de seu objetivo (relacionado à primeira questão). O foco específico deste trabalho é o de contribuir com a solução da segunda questão, apresentando um dos métodos aplicáveis à pesquisa espírita: o de estudo de caso.

Antes de apresentar o método de estudo de caso, os próximos itens apresentam, de forma sucinta, os métodos de pesquisa, que podem ser classificados em quantitativos (também chamados tradicionais) e qualitativos.

2.1 Métodos quantitativos

Os métodos quantitativos utilizam-se de um processo cíclico bem estruturado, cujas fases principais são⁸:

- ✓ teoria (formulação de explicações acerca de algum aspecto da realidade),
- ✓ hipótese (formulada pelo uso da dedução, que apresenta uma relação causa-efeito e possui conceitos que possam ser medidos),
- ✓ observações e coleta de dados,
- ✓ análise dos dados,
- ✓ conclusões,
- ✓ nova teoria e assim por diante.

Os métodos mais ligados a esse tipo de pesquisa são:

- ✓ a pesquisa experimental (que faz o teste de hipóteses através de um experimento controlado no laboratório ou no campo, realizado de forma a produzir os dados necessários), e
- ✓ o *survey* (que objetiva também a coleta de dados, mas sem a intervenção do pesquisador; a análise de dados exige tratamento estatístico).

2.2 Métodos qualitativos

Os métodos qualitativos, que têm sido fortemente utilizados nas ciências sociais e, mais recentemente, em outras áreas como a economia, possuem características que as diferenciam dos tradicionais, entre as quais destacam-se⁹:

- ✓ a ênfase na pessoa que está sendo pesquisada (sobretudo sua interpretação),
- ✓ a importância do contexto do grupo ou organização pesquisados,
- ✓ a proximidade do pesquisador em relação aos fenômenos estudados e
- ✓ um quadro teórico menos estruturado.

Entre os métodos qualitativos podemos citar a pesquisa-ação e o estudo de caso. Este está discutido com mais detalhes no próximo capítulo.

A pesquisa-ação é realizada juntamente com uma ação ou resolução de um problema. Os pesquisadores desempenham um papel ativo nessa resolução. Thiollent descreve o método de pesquisa-ação da seguinte maneira:

⁷ Idem. *ibidem*. p. 11.

⁸ Alan Bryman. *Research methods and organizations studies*.

⁹ Idem. *ibidem*.

"A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (...) Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas. Sem dúvida, a pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre pesquisadores e pessoas da situação investigada que seja de tipo participativo".¹⁰

A pesquisa-ação pode também ser aplicada em pesquisas espíritas. Os próprios dirigentes de um grupo mediúnico, por exemplo, podem conduzir uma pesquisa sobre determinado fenômeno com uso desse método. Em trabalho futuro esse método deve ser mais detalhadamente abordado.

2.3 Quando cada estratégia é usada

O método de pesquisa deve ser adequado aos objetivos da pesquisa e ao objeto de estudo. Segundo Robert Yin¹¹, há três condições a satisfazer:

- a) o tipo de questão de pesquisa proposto, que pode ser representado pela conhecida série "quem", "o que", "onde", "como" e "por que" (v. exemplos no Quadro 1)
- b) a extensão de controle que o pesquisador tem sobre eventos comportamentais efetivos e
- c) o grau de enfoque em acontecimentos históricos em oposição a acontecimentos contemporâneos.

Quadro 1 – Tipos de questões de pesquisa e exemplos

Tipo de questão de pesquisa	Exemplos
Quem	Quem são os espíritos que participam das reuniões de determinado grupo mediúnico?
o que	O que pode ser feito para tornar os centros espíritas mais eficazes? Quais foram os resultados da reorganização administrativa dos cursos de espiritismo?
Onde	Onde se fazem reuniões mediúnicas com métodos consistentes com o método kardequiano?
Como	Como se realiza a influência do espírito obsessivo sobre uma pessoa? Como determinado grupo de cura conseguiu alcançar certos resultados?
por que	Por que os médiuns chamados de inconscientes não se lembram do teor das comunicações?

¹⁰ Michel Thiollent. Metodologia da pesquisa-ação. p. 14-15.

¹¹ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 24 e sgs.

São apresentadas no Quadro 2 as três condições, relacionando-as a cinco estratégias de pesquisa.

Quadro 2 – Situações relevantes para diferentes estratégias de pesquisa¹²

Estratégia de pesquisa	Forma de questão de pesquisa	Exige controle sobre eventos comportamentais?	Focaliza acontecimentos contemporâneos?
Experimento	como, por que	sim	sim
Levantamento	quem, o que, onde, quantos, quanto	não	sim
Análise de arquivos	que, o que, onde, quantos, quanto	não	sim/não
Pesquisa histórica	como, por que	não	não
Estudo de caso	como, por que	não	sim

3 O método de estudo de caso

O método de estudo de caso tem sido usado, de forma mais ou menos sistemática e meticulosa em várias áreas de pesquisa, tais como ciência política, sociologia, psicologia, administração, antropologia, história, economia etc. No entanto, há ainda um estereótipo em relação a ele, como ressalta Yin:

"O estudo de caso há muito foi estereotipado como o 'parente pobre' entre os métodos de ciência social. Os pesquisadores que realizam estudos de caso são vistos como se tivessem sido desviados de suas disciplinas acadêmicas, e suas investigações como se tivessem precisão (ou seja, quantificação), objetividade e rigor insuficientes."¹³

Yin aponta o paradoxo entre esse estereótipo e o uso tão freqüente: *"se o método de estudos de caso apresenta sérias fragilidades, por que os pesquisadores continuam a utilizá-lo?"¹⁴* Ele considera que esse estereótipo está equivocado, carecendo apenas que o método seja melhor compreendido, e aplicado de forma adequada.

O estudo de caso documenta e analisa a atividade de uma organização ou de um pequeno grupo dentro dela. Estuda situações onde as fronteiras entre o fenômeno e seu contexto não são claras.

Yin assim define estudo de caso:

"Um estudo de caso é uma investigação empírica que

- *investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto de vida real, especialmente quando*
- *os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos."¹⁵*

¹² Idem. ibidem. p. 24

¹³ Idem. ibidem. p. xi.

¹⁴ Idem. ibidem. p. xi.

¹⁵ Idem. ibidem. p. 32.

O contexto, como fica claro, também é objeto de investigação, tanto quanto o fenômeno estudado. As interrelações entre o fenômeno e o contexto são observadas e analisadas. Em contraste, o método tradicional da experimentação, por exemplo, deliberadamente separa um fenômeno de seu contexto – este é "controlado em laboratório" – dedicando atenção a algumas variáveis.

Yin observa que comumente há na investigação de estudo de caso uma situação tecnicamente única: muito mais variáveis de interesse do que pontos de dados. Necessita assim se basear em várias fontes de evidências, com os dados precisando convergir na investigação. O estudo de caso beneficia-se do desenvolvimento prévio de proposições teóricas para dar direção à coleta e à análise de dados.

3.1 "Como" e "por que"

Muitas pesquisas tradicionais utilizam questões exploratórias (ex. "o que pode ser feito para melhorar os serviços públicos") e/ou quantificadoras (ex. "quais foram as reações das pessoas depois das mudanças"). São questões do tipo "o que".

Os estudos de casos (tanto quanto alguns outros métodos não expostos aqui) aplicam-se com propriedade em situações em que questões explanatórias (do tipo "como" e "por que") são formuladas. *"Isso se deve ao fato de que tais questões lidam com ligações operacionais que necessitam ser traçadas ao longo do tempo, em vez de serem encaradas como meras repetições e incidências."*¹⁶

Nos estudos de casos o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e o foco é sobre um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto real. Este método visa pesquisar eventos da vida real que não possam ser desvinculados de seu contexto mais amplo.

Há estudos de caso único e de casos múltiplos.¹⁷ O estudo de caso único – que apresenta um único caso para um dado problema e referencial teórico – é normalmente utilizado quando se analisam fenômenos de ocorrência rara ou de difícil observação. Já o estudo de casos múltiplos se baseia em replicações de um dado fenômeno.

*"A vantagem do uso de casos múltiplos reside no fato de que estes proporcionam evidências inseridas em diferentes contextos, o que acaba tornando a pesquisa como um todo mais robusta."*¹⁸

3.2 Componentes do método de estudo de caso

O desenvolvimento de um projeto de pesquisa é uma etapa difícil no desenvolvimento de estudos de casos, pois o método ainda não foi sistematizado.¹⁹ O projeto de pesquisa pode ser visto como um plano de ação para se sair de um conjunto inicial de questões a serem respondidas e chegar às conclusões (respostas) sobre essas questões. Segundo Nachmias, um projeto de pesquisa é um plano que *"conduz o pesquisador através do processo de coletar, analisar e interpretar observações. É um modelo lógico de provas que lhe permite fazer inferências relativas às relações causais entre as variáveis sob investigação. O projeto de*

¹⁶ Idem. ibidem. p. 25.

¹⁷ Sérgio G. Lazzarini. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. p. 21.

¹⁸ Idem. ibidem. p. 21

¹⁹ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 40.

pesquisa também define o domínio da generalização, isto é, se as interpretações obtidas podem ser generalizadas a uma população maior ou a situações diferentes".²⁰

Yin destaca cinco componentes importantes para um projeto de pesquisa de estudo de caso, a saber²¹:

- ✓ as questões de um estudo (na forma "quem", "o que", "onde", "como" ou "por que", veja Quadro 1),
- ✓ suas proposições, se houver (as questões, embora possuam a essência do que se deseja responder, não apontam para aquilo que se deve estudar: as proposições auxiliam a seguir na direção certa, levantando hipóteses a serem trabalhadas)
- ✓ sua(s) unidade(s) de análise (exs. um certo médium, um determinado grupo mediúnico, um certo tipo de pessoas etc.)
- ✓ a lógica que une os dados às proposições, ou seja, como os dados devem ser analisados,
- ✓ os critérios para se interpretar as descobertas, que subsidiam as decisões necessárias para comparar duas proposições concorrentes.

3.3 Limitações do método

Alguns estudiosos do método de estudo de caso apontam suas principais limitações²²:

- ✓ é altamente sujeito às análises intuitivas e incontrolláveis,
- ✓ é relativamente fácil de ser executado sem maiores preocupações metodológicas,
- ✓ exige maior habilitação do pesquisador,
- ✓ a amostra em geral é pequena, dificultando tratamento estatístico.

Apesar dessas dificuldades, o método de estudo de caso, sistematicamente aplicado, permite uma compreensão profunda das interrelações de um problema, tornando-se muito útil sobretudo quando o objetivo é auxiliar na elaboração ou no aprimoramento de teorias.²³

4 Animismo: uma revisão bibliográfica

Quanto mais se aprofunda no estudo do espiritismo, mais se identifica a importância do seu conteúdo filosófico, mais se descobre a utilidade dos seus conceitos e se constata como as consequências morais extraídas do objeto de observação desta ciência podem provocar efetivas mudanças no pensamento humano.

O que surgiu de novo com a descoberta do espiritismo não foi o fenômeno mediúnico, como é por demais sabido, pois o mesmo tem sido referido em toda a história da humanidade, bastando ver a menção feita no velho testamento à proibição de Moisés à

²⁰ Nachmias & Nachmias, 1992, p. 77-78. Apud Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 41.

²¹ Robert K. Yin. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. p. 42.

²² Sérgio G. Lazzarini. *Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa*. p. 24.

²³ Idem. *ibidem*. p. 24.

comunicação com os mortos. Não obstante, não se pode olvidar que o espiritismo nasceu a partir dos fenômenos mediúnicos, representando eles a porta de entrada do homem de ciência ao mundo do invisível.

A mediunidade é, portanto, por excelência, o objeto de pesquisa da ciência espírita, de modo que todas as possíveis questões a ela inerentes devem merecer a atenção do pesquisador espírita. Vale anotar que pessoas místicas interessam-se pela mediunidade, porém o fazem em razão do gosto pelo sobrenatural, como se o fenômeno representasse uma possibilidade de derrogação da lei natural.

Em decorrência do apego à mediunidade como prática religiosa, elemento integrante de uma seita diferente, capaz de lidar com “entes” não acessíveis aos religiosos “comuns”, a crença ganhou muitos adeptos, em sua maioria despreparados para experimentar, estudar e desenvolver a pesquisa necessária do fenômeno. Conseqüência lógica foi o aparecimento de mistificações, engodo por parte dos próprios espíritos e a incapacidade de discernir o autêntico PCM - Processo de Comunicação Mediúnica.

O animismo surgiu como alternativa para explicar mistificações, sugerindo alguns que o próprio médium apresentasse uma mensagem sua, forjando tratar-se de comunicação mediúnica. Isso, absolutamente, não seria animismo. Tratar-se-ia de mistificação mesmo, eis que o fenômeno anímico confirma o fenômeno mediúnico e lhe dá ainda mais autenticidade. Necessário distinguir, portanto, o animismo do PCM.

Para tanto, apresenta-se a proposta de rever a bibliografia tradicional, não apenas para buscar informações eventualmente não percebidas, mas, também, com o fim de revisitar os conceitos, examinar os exemplos, buscar produções literárias mais atuais, tentar identificar casos atuais e, quem sabe, oferecer alguma contribuição ao estudo do tema.

4.1 Kardec e o animismo

Embora Allan Kardec não tenha utilizado a expressão “animismo”, tratou do tema em “O Livro dos Médiuns”, Cap. XIX - *Do papel do médium nas comunicações espíritas*. Neste ponto da obra, Kardec discorre sobre a influência do espírito pessoal do médium, apresentando à indagação: “*As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?*”, a seguinte resposta:

*“A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito. Tendes a prova disso nas visitas que vos fazem as almas de pessoas vivas, as quais muitas vezes se comunicam convosco pela escrita, sem que as chameis. Porque, ficai sabendo, entre os Espíritos que evocais, alguns há que estão encarnados na Terra. Eles, então, vos falam como Espíritos e não como homens. Por que não se havia de dar o mesmo com o médium?”.*²⁴

Ernesto Bozzano, em sua clássica obra “*Animismo ou Espiritismo?*” procurou demonstrar que as comunicações mediúnicas entre vivos provam a realidade das comunicações mediúnicas com os defuntos, o que confirma a resposta encontrada em “O Livro dos Médiuns” à questão: *Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não do Espírito estranho?* À indagação, Allan

²⁴ Allan Kardec. *O livro dos médiuns*. 55ª ed. Trad. Guillon Ribeiro à 49ª ed. Francesa. Rio de Janeiro: FEB, 1987, p. 260.

Kardec apresenta a seguinte resposta: *Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porquanto é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.*²⁵

Antecipando o estudo que seria feito depois por Bozzano, Kardec adiantou algumas considerações sobre fatos da vida cotidiana que mereceriam explicação racional mais tarde, no aprofundamento do tema, especialmente, quando se referiu às crises sonambúlicas e extáticas. Kardec referiu-se a esses fenômenos, para explicar que o espírito do médium pode haurir nas profundezas do seu próprio eu as idéias que parecem fora do alcance da sua instrução, relativas a conhecimentos adquiridos em existências anteriores, esquecidos debaixo do envoltório corporal, mas dos quais pode se lembrar como espírito.

Em *O Livro dos médiuns* Kardec²⁶ explica que as comunicações anímicas podem ser mais elevadas do que as provenientes de outros espíritos, lembrando que são ditas coisas muito boas na experiência sonambúlica. Ensinou, com isso, que o médium pode servir à comunicação de espírito menos evoluído, o que se vê amiúde.

Kardec também fez uma síntese do assunto no volume denominado “Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas”, publicado em 1858, um ano depois da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”. Em seu capítulo VI, titulado “Papel e Influência do Médium nas Manifestações”, traz a seguinte orientação:

*Nós diremos, pois, que pode acontecer que a alma do médium se comunique como o faria um Espírito estranho. E isso se concebe facilmente. Visto que podemos evocar o Espírito de pessoas vivas, ausentes e presente, e como esse Espírito se comunica pela escrita ou pela palavra do médium, por que o Espírito encarnado no médium não se comunicaria igualmente? Os fatos provam que, em certas circunstâncias, isso se dá, como no sonambulismo, por exemplo. Segue-se daí que a comunicação feita pela alma do médium tenha menos valor? De modo algum. O Espírito encarnado no médium pode ser mais elevado do que certos Espíritos estranhos e, assim, dar comunicações. Compete-nos julgar. Neste caso ele fala como Espírito desligado da matéria, e não como homem.*²⁷

Referida publicação, destinada à iniciação prática, foi substituída em 1861 por “O Livro dos Médiuns”.

Em “O livro dos Espíritos” Kardec dedica um capítulo inteiro ao assunto “Emancipação da Alma”, tratando dos temas: O sono e os sonhos; Visitas espíritas entre vivos; Transmissão oculta do pensamento; Letargia, catalepsia, morte aparente; O sonambulismo; Êxtase e Dupla Vista.

Uma das situações de emancipação da alma, que deve ser entendida como uma espécie de libertação dos freios impostos pelo corpo físico, acontece durante o sono, pois, segundo o Livro dos Espíritos, pergunta 401, *o Espírito jamais fica inativo. Durante o sono, os liames que o unem ao corpo se afrouxam e o corpo não necessita do Espírito. Então ele percorre o espaço e entra em relação mais direta com os outros Espíritos.*²⁸

²⁵ *Ibidem*, mesma página.

²⁶ *Ibidem*, p. 261.

²⁷ Allan Kardec. *Iniciação Espírita*. 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982, p. 327.

²⁸ Allan Kardec. *O livro dos espíritos*. 3ª ed. Trad. J. Herculano Pires. Edicel: São Paulo, 1982, p. 187.

Trata-se, a emancipação da alma, de fenômeno anímico, ou seja, de manifestação do próprio espírito encarnado, porém de forma extra-corpórea, ou fora da dimensão física, independentemente dos limites dos cinco sentidos inerentes à vida orgânica. O livro dos espíritos ensina que duas pessoas encarnadas, ou mais, podem visitar-se durante o sono, da mesma forma que um espírito, mesmo estando seu corpo em estado de vigília, pode comunicar-se com outros Espíritos. A lição permite compreender que no estado de catalepsia ou de letargia, mesmo revelando morte aparente, o espírito está consciente, embora não possa se comunicar pela inaptidão dos órgãos. O exemplo mais acessível de animismo é o fenômeno sonambúlico, pelo qual o espírito encarnado se manifesta durante o sono do corpo físico, revelando, muitas vezes, conhecimentos incorporados ao patrimônio cultural oculto do indivíduo, ou porque o adquiriu em vidas passadas, ou porque os abstraiu da memória ou, ainda, por estar recebendo no exato momento da comunicação sonambúlica. De igual forma, processa-se a emancipação da alma no êxtase e no que Kardec denominou de dupla vista. Esta faculdade diferencia do sonambulismo e do sono, pois cuida da manifestação do espírito em maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido.

4.2 O que é animismo

Aksakof designou pela palavra animismo *todos os fenômenos intelectuais e físicos que deixam supor uma atividade extra-corpórea ou à distância do organismo humano, e mais especialmente todos os fenômenos mediúnicos que podem ser explicados por uma ação que o homem vivo exerce além dos limites do corpo*²⁹. A definição afasta o mau vizo de se servir do fenômeno anímico unicamente para explicar possíveis “comunicações” não autênticas ou não espíritas.

O mesmo autor diz que, admitidas justificativas para a hipótese de uma comunicação com os mortos, *o termo animismo será aplicado a uma categoria especial de fenômenos, produzidos pelo princípio anímico (considerado como ser independente, razoável e organizador) enquanto está ligado ao corpo*. Tentando oferecer subsídios para melhor compreensão do tema, Aksakof afirma que *nesse caso a palavra Espiritismo compreenderá todos os fenômenos que podem ser considerados como manifestação desse mesmo princípio, porém desprendido do corpo. Por mediunismo entenderemos todos os fenômenos compreendidos no animismo e no Espiritismo, independentemente de uma ou de outra dessas hipóteses*.³⁰

Jon Aizpúrua alerta para os vários significados do termo animismo, de acordo com a disciplina que o esteja empregando. Ensina que *em algumas escolas filosóficas, o termo animismo é usado para designar toda doutrina de natureza espiritualista. Na parapsicologia, adota-se o animismo como a hipótese fundamental que explica os fenômenos paranormais, de tal maneira que são produzidos por forças psíquicas conscientes ou inconscientes dos seres vivos*.³¹

Também na esteira dos clássicos, apontando Alexander Aksakof como introdutor da palavra, Aizpúrua afirma que *no Espiritismo, o animismo designa certo estado de transe no qual quem está provocando e produzindo o fenômeno de efeitos psíquicos ou físicos é o espírito do*

²⁹ Alexandre Aksakof. *Animismo e espiritismo*. 1990, p. 229.

³⁰ *Ibidem*, p. 230.

³¹ Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo*. 2000, p. 150.

*próprio ser encarnado e não o espírito do desencarnado, pois neste caso seria um fato mediúnico*³².

Gustavo Geley oferece importante contribuição, em seu “*Del inconsciente al consciente*” quando disserta sobre a criptomnésia. A palavra é traduzida por “memória subconsciente” e reflete a exteriorização de conhecimentos alheios à capacidade intelectual consciente do indivíduo. Corresponderia à percepção extra-sensorial. Fala de exemplos em que determinada pessoa é levada a retroagir no tempo até épocas das quais nada mais retém em seu psiquismo; no entanto, espontaneamente, ou por sugestão, recorda-se de tudo exatamente como viveu naquela época. Diz Geley ser no mediunismo que a criptomnésia se manifesta em todo seu esplendor, podendo-se imaginá-la como fonte insuspeita de muitas mensagens extraordinárias.

Escreveu a respeito:

*M. Flournoy cita una multitud de hechos que atribuye a la criptomnésia: médiums describiendo la biografía de personajes desconocidos para ellos, que han podido conocer, no obstante, por una ojeada olvidada sobre el periódico que publicó tal biografía; médiums hablando a trechos una lengua que les es ignorada, simplemente porque esos trechos o frases los leyeron u oyeron un día cualquiera, que han olvidado, etc.*³³

Na seqüência da análise que faz, Geley diz que fisiologicamente é impossível compreender como a memória consciente, submetida à vontade e ao direcionamento do ser é, eminentemente caduca, débil, infiel, enquanto a memória subconsciente; que não é acessível senão por acidentes ou em estados anormais ou supranormais, parece tão extensa e tão infalível.

E conclui:

*Sem embargo, assim é. Mais ainda. A debilidade e a impotência da memória normal são tais, que muitas vezes os conhecimentos ou capacidades subconscientes que escapam ao direcionamento do eu, parecem ser-lhe totalmente estranhos, e constituem no indivíduo como verdadeiras “segundas consciências”. Assim é como surgem, da complexidade inquietante do subconsciente, não apenas o desdobramento, senão a multiplicação da personalidade.*³⁴

Ernesto Bozzano, o maior estudioso do tema, refutou todas as teorias levantadas ao seu tempo contra o espiritismo e se dedicou intensamente à pesquisa dos fenômenos metapsíquicos com o fim maior de demonstrar que o animismo prova o espiritismo. Afirmou ter procedido a incontáveis experiências para fazer emergir, baseado em fatos, uma verdade metapsíquica que, conquanto extremamente evidente, era esquecida pelos propugnadores da objeção ao espiritismo. Aludia ao fato de que:

(...) as provas de identificação espiritual, fundadas nas informações pessoais fornecidas pelos defuntos que se comunicam, longe de serem as únicas que se podem conseguir para a demonstração experimental da sobrevivência, mais não são do que simples unidade de prova, entre as múltiplas provas que se podem extrair do conjunto dos fenômenos metapsíquicos, mas, sobretudo, das manifestações supranormais de ordem extrínseca as quais, de ninguém dependendo, resultam independentes dos poderes da subconsciência. Tais por exemplo, os casos das “aparições dos defuntos quando ainda no leito de morte” e os

³² *Ibidem*, p. 151.

³³ Gustavo Geley. *Del inconsciente al consciente*. p. 105.

³⁴ *Idem. ibidem*. p. 107.

das “aparições dos defuntos pouco depois da morte”, assim como outras importantes categorias de fenômenos metapsíquicos, que reuni e comentei no extensíssimo e resolutivo Capítulo V do presente trabalho.³⁵

André Luiz reporta-se ao animismo como conjunto dos fenômenos psíquicos produzidos com a cooperação consciente ou inconsciente dos médiuns em ação. Fala de ocorrências *que podem repontar nos fenômenos mediúnicos de efeitos físicos ou de efeitos intelectuais, com a própria inteligência encarnada comandando manifestações ou delas participando com diligência.*³⁶ Na seqüência do mesmo texto, André Luiz fornece um esclarecimento que parece pouco sustentável hodiernamente. Afirma que *o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se e atuar com os seus recursos e implementos característicos, como consciência pensante e organizadora, fora do carro físico.*

Sem qualquer pretensão de esclarecer o assunto, cabe aqui uma sucinta análise. Os estudos mais abalizados sobre o perispírito informam que a consciência pensante tem sede no espírito e não no perispírito como sugere o texto. Ademais, embora seja verdade que o corpo espiritual pode efetivamente desdobrar-se, a compreensão aparentemente mais sensata é a de que o espírito se manifesta em um único lugar ao mesmo tempo, por ser indivisível. Quando acontece algum tipo de desdobramento, apenas o perispírito, pelas características materiais que possui, ora se tornando mais denso pela combinação de elementos ainda por nós desconhecidos, ora tornando-se mais rarefeito, desdobra-se; ou seja, o espírito é uno e se manifestará apenas em um lugar, não se admitindo que se subdivida ou se manifeste em dois lugares ao mesmo tempo.

André Luiz fornece uma explicação do processo de manifestação anímica, a partir das semelhanças existentes entre os vivos da terra e os vivos do além. Afirma que:

*(...) é fácil anotar que a criatura na Terra partilha, assim, até certo ponto, dos sentidos que caracterizam a criatura desencarnada, nas esferas imediatas à experiência humana, **conseguindo, às vezes, desenfaiçar-se do corpo denso e proceder como a Inteligência desenleada do indumento carnal** ou, ainda, obedecer aos ditames dos Espíritos desencarnados como agente mais ou menos fiel de seus desejos*³⁷.

Neste contexto, mister citar o entendimento de Reinaldo Di Luccia na conclusão do seu trabalho “O perispírito, uma abordagem do século XX”:

*(O perispírito) Não possui a função de transmissor de sensações do corpo para o Espírito ou de ordens no sentido inverso. Da mesma forma, não tem nenhuma atuação sobre a memória ou a inteligência. Não possui órgãos nem nenhuma constituição semelhante, que são exclusivas do corpo físico.*³⁸

Discorrendo sobre a alma e os diferentes estados do sono, Leon Denis analisa cuidadosamente vários casos de animismo, colhidos em diversos laboratórios de pesquisas. Avalia que:

³⁵ Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?*

³⁶ Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo Espírito de André Luiz. *Mecanismos da mediunidade*. 14ª ed. p.163.

³⁷ Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, pelo Espírito de André Luiz. *Mecanismos da mediunidade*. 14ª ed. p.165.

³⁸ Reinaldo Di Luccia. *Perispírito, nova abordagem*. p.28.

As percepções da alma no sono são de duas espécies. Verificamos primeiramente a visão à distância, a clarividência, a lucidez; vem depois um conjunto de fenômenos designados pelos nomes de telepatia e telestesia (sensações e simpatias à distância). Compreende a recepção e transmissão dos pensamentos, das sensações, dos impulsos motrizes. Com esses fatos relacionam-se os casos de desdobramentos e aparições designados pelos nomes de fantasmas dos vivos. Esses casos, teve a psicologia oficial de verificá-los em grande número, sem os explicar(64). Todos esses fatos ligam-se entre si e formam uma cadeia contínua. Em princípio, constituem, no fundo, um só e mesmo fenômeno, variável na forma e intensidade, isto é, o desprendimento gradual da alma³⁹.

Manuel Porteiro também aludiu aos fenômenos anímicos, alegando tratarem-se de fenômenos psicológicos como tantos outros, mas que não entram no estreito limite da psicologia positiva e que não podem ser explicados pelos procedimentos empíricos a ela inerentes. Escreveu sobre a percepção extra-sensorial nos seguintes termos:

Como um sujeito exterioriza sua força motriz e põe em movimento, sem contato, objetos pesados? Como um sensitivo ou hipnotizado sente à distância a picada aplicada no ar ou na água em que deixou impregnada sua sensibilidade? Como ouve o clariaudiente a voz psíquica que impressiona sua alma sem ferir o órgão auditivo? Como, nos casos de autoscopia, o sujeito percebe o interior de seu próprio organismo e descreve minuciosamente a parte afetada de determinado órgão? Como uma pessoa, ainda em estado normal, pode transmitir mentalmente a outra uma ordem e esta ser cumprida exatamente? Como, nos fenômenos telepáticos, em sonho ou estado de vigília, se transmitem e se recebem mensagens, avisos de doentes, visões simbólicas, ou representativas de lugares, cenas, coisas ocultas, acidentes etc? Como, enfim, nos casos de previsão e de sonhos premonitórios, chega-se a conhecer acontecimentos que, estando no futuro, não podem impressionar o cérebro?⁴⁰

Encontram-se orientações importantes também na obra de Jaci Regis , que escreveu a respeito:

Os fenômenos anímicos e os fenômenos mediúnicos caminham paralelamente. Os fenômenos anímicos compreendem uma variedade de atuações como, por exemplo, as comunicações entre vivos, amplamente comprovadas e que incluem a telepatia e outros mecanismos de intercâmbio mental. São também comuns as auto-comunicações, discursos falados ou escritos do próprio médium, em fenômeno de exteriorização ou exaltação mental⁴¹.

Como estudou profundamente toda a filosofia espírita, Herculano Pires também escreveu sobre o animismo em diversas ocasiões. Em seu *O Homem Novo*, ofereceu a seguinte contribuição:

O espiritismo explica a hipnose como o processo do desprendimento parcial do espírito, em sua ligação vital com o corpo. O espírito parcialmente liberto deixa o corpo em estado de sono, mas está mais acordado do que nunca. O sonâmbulo, realmente, está super-acordado, como percebeu o psiquiatra Raikov. Mas não do ponto de vista materialista.

³⁹ Leon Denis. *O problema do ser, do destino e da dor*. 1.989, p. 86.

⁴⁰ Manuel S. Porteiro. *Espiritismo Dialético*. 2002. pp. 51-2.

⁴¹ Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista*. 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 93.

Não se trata apenas do Hipnotismo. A explicação espírita, confirmada por numerosas experiências científicas, rejeitadas pelos materialistas (mas que até hoje não sofreram contraprovas científicas, sendo refutadas somente no campo teórico) abrange muitos outros fenômenos ainda inexplicados, como todos os investigados pela Metapsíquica e pela atual Parapsicologia. As “reencarnações” de Raikov incidem no campo da “regressão da memória”, que é precisamente uma das provas científicas da reencarnação⁴².

4.3 Espécies de fenômenos anímicos

Importa ressaltar, de início, que o fenômeno anímico encontra-se dentre aqueles denominados de metapsíquicos ou paranormais. A metapsíquica foi definida como “a ciência que tem por objeto os fenômenos mecânicos ou psicológicos, devidos a forças que parecem inteligentes ou a potências desconhecidas latentes na inteligência humana”.⁴³ Aispúrua⁴⁴ informa que Richet classificou o estudo da metapsíquica em dois grupos: subjetiva e objetiva. No primeiro grupo colocou a criptestesia (faculdade de conhecimento diferente das formas sensoriais normais); a premonição (conhecimento de acontecimentos futuros); o desdobramento (separação temporal do organismo corporal de um duplo etéreo ou corpo astral); a xenoglossia (faculdade que algumas pessoas possuem de expressar-se em idiomas que conscientemente desconhecem); a dupla personalidade (o sujeito adota a identidade de outra pessoa, comportando-se de maneira totalmente diferente da habitual) e mediunismo (faculdade de servir como intermediário para que se manifeste um agente externo, comumente um espírito).

Adotadas as considerações já mencionadas, pode-se concluir que todos os fatos classificados por Richet como pertencentes à metapsíquica subjetiva, são obtidos através do animismo, ou, melhor, consistem-se em fenômenos anímicos. Quanto aos incluídos na classe da metapsíquica objetiva, os de telecinesia (ação física sobre objetos ou pessoas que se produz à distância e sem contato, diferente das forças mecânicas conhecidas) e os de ectoplasmia (formação de objetos ou seres vivos a partir de uma substância que sai do corpo do sujeito - ectoplasma), não há elementos que autorizem afirmar a possibilidade de serem produzidos pelo espírito encarnado em estado de emancipação.

Aispúrua diz claramente: *Através dessas idéias, é conveniente precisar que os fenômenos paranormais são de caráter anímico e não mediúnico. Portanto são produzidos por forças inconscientes do ser humano encarnado.*⁴⁵

A própria reminiscência do passado pode ser considerada, de certa forma, fenômeno anímico, pois há hipóteses em que o espírito encarnado revela um patrimônio intelecto-moral que absolutamente não reuniu na vida presente. Veja-se, a propósito, a menção feita por Núbor O. Facure: *A memória extra-cerebral, acumulada no cérebro espiritual, pode em condições especiais ser revelada, confirmando a multiplicidade das nossas personalidades, esclarecendo o “privilegio” das aptidões inatas, principalmente da genialidade precoce de um Mozart, justificando a reencarnação até como uma questão de justiça.*⁴⁶

⁴² J. Herculano Pires. *O homem novo*. 3ª ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraternal do ABC, 1989, p. 102.

⁴³ Jon Aispúrua. *História da parapsicologia*. Trad. Rubens Medran Moreira. São Paulo: CEJB, 2002, p. 137, *apud* Charles Richet. *Traité de Métapsychique*. Livraria Félix Alcan. Paris, França, 1923, p. 2.

⁴⁴ *Ibidem*, p.138.

⁴⁵ Jon Aispúrua. *Os fundamentos do espiritismo*. 2000, p. 153.

⁴⁶ Núbor O. Facure. *Muito Além dos Neurônios*. 2ª ed. São Paulo: Associação Médico Espírita de São Paulo, 1.999, p. 80.

4.4 Exemplos

Os autores que se dedicaram ao estudo do tema tomaram por ponto de partida casos concretos e, por isso mesmo, a literatura específica está bastante ilustrada com diversos exemplos. Alguns deles serão recordados neste espaço. De início, foram selecionadas algumas situações interessantes que se passaram com William Stead, narradas por Ernesto Bozzano:

- No mês de fevereiro transato (1893), encontrei-me no trem de ferro com um senhor a quem conhecera casualmente havia pouco. Sabia eu de modo geral que ele desde algum tempo se mostrava presa de graves preocupações, de sorte que a nossa palestra tomou um aspecto confidencial, por onde vim a saber que as suas preocupações eram de ordem financeira. Disse-lhe que ignorava se poderia ou não ser-lhe útil, mas que, fosse como fosse, lhe pedia me confiasse francamente as condições em que se encontrava, quais os seus débitos e os créditos ou a soma de que podia dispor. Respondeu que não se sentia com ânimo de entrar nessas particularidades. Abstive-me de insistir. Na primeira estação, separamo-nos. (...) por volta das duas da manhã, antes de meter-me na cama, sentei-me à mesa e, dirigindo o pensamento à pessoa em questão, ponderei-lhe: “Não tivestes a força moral de declarar-me face a face quais eram as vossas condições financeiras; mas, agora, podeis confiar-me tudo, escrevendo com a minha mão. Dizei-me, pois, como vos encontrais. Quanto deveis?” - Veio a resposta: “Os meus débitos montam a 90 libras esterlinas.”- Havendo perguntado se era exata a soma escrita, repetiu com todas as letras: “Noventa libras esterlinas.”- Perguntei: “É tudo?” - “Sim e, em verdade, não sei o que poderei fazer para pagá-las”. - “Quanto pensais que podeis obter pela pequena propriedade de que me falastes?” - “Conto obter 100 libras esterlinas; mas, talvez, seja muito. Em todo caso, preciso vendê-la por qualquer preço. Oh! Se pudesse achar com que ganhar a vida! Estou disposto a empregar-me seja no que for”. - “De quanto necessita para viver?” - “Não creio que possa viver com menos de 200 libras esterlinas por ano, pois não sou só, poderia viver com 50 esterlinos; mas, há o aluguel da casa e o vestuário. Nunca chegarei a ganhar tal soma. Não sei o que pensar”. “No dia imediato, fui à procura do meu amigo. (...) expliquei-lhe sumariamente os métodos de comunicação telepático-mediúmica e acrescentei: “Não sei se alguma palavra de verdade há em tudo o que a minha mão escreveu e hesito em vo-lo comunicar, sobretudo porque penso que a cifra por mim grafada como montante das vossas dívidas é extremamente exígua para ser verdadeira, tanto mais considerando a depressão moral em que estais. Assi, antes de tudo, vou ler-vos a cifra em questão. Se for exata, dar-vos-ei a conhecer o resto; se estiver errada, considerarei tudo como fruto de uma mistificação subconsciente, em que a vossa personalidade não entrou por coisa alguma. (...) antes que eu leia a mensagem, é preciso que façais mentalmente o cálculo do montante total das vossas dívidas, bem como da soma que esperais obter da venda da vossa propriedade, depois, o da soma que vos é necessária anualmente para vos manterdes com a vossa família e, por fim, o da soma com que poderíeis viver se fosseis só” - ele se concentrou um momento e disse: “Já pensei em tudo isso”. - Saquei então da mensagem e li: “O montante das vossas dívidas é de 90 libras esterlinas”. - Ele deu um salto e exclamou: “Exato! Entretanto, 100 esterlinos foi a quantia em que pensei, porque incluí o dinheiro necessário às despesas correntes”. Em tudo o mais conferia. “Segue-se, portanto, que a minha mão transcreveu com exatidão o pensamento de uma pessoa do meu conhecimento distante de mim muitas milhas, poucas horas depois de me haver essa mesma pessoa escrito, desculpando-se de não ter tido a coragem de me confiar as informações que lhe eu solicitara”.

Em vinte de setembro de 1893, William Stead, como de costume, encaminhou seu pensamento para Miss Summers, pedindo-lhe notícias. Imediatamente sua mão escreveu:

- “Hoje, para mim, é um dia de tristes desilusões. Em pagamento de um trabalho que fiz, recebi soma muito inferior à que eu esperava e com que contava, de modo que me encontro em aperturas econômicas assaz penosas. Não quis pôlo ao corrente de tudo isto, porque bem sabia que me proveria do dinheiro necessário, o que não quero. Tenho, entre outros, um débito de três libras esterlinas com o proprietário da casa. Não importa: hei-de consegui-las. “Disse eu: Mandar-lhe-ei a soma de que necessita. Resposta imediata; “Não, não aceitarei e há devolverei. Tenho a minha altivez e não quero parecer uma colaboradora mercenária”. “No dia seguinte mandei a Miss Summers uma pessoa que gozava de toda a sua confiança e vim a saber que ela, efetivamente, se achava nas dificuldades econômicas de que me informara mediunicamente. Quando, porém, soube por que meio eu fora informado de seus embaraços econômicos, ficou extremamente desgostosa (Proceedings, vol. IX, pág. 54).

Aksakof cita vários casos de comunicações feitas por pessoas vivas durante o sono, dos quais alguns merecem transcrição para nossas reflexões. São eles:

- 1 - Conta que recebeu de Wsevolod Solovioff a seguinte estória escrita: Certa noite em que eu me tinha demorado em uma conversação com amigos, senti de novo, às 2 horas da manhã, esse desejo irresistível de escrever. Tomei o lápis e pedi a uma pessoa de minha amizade, a Será. P., que o segurasse ao mesmo tempo. Pusemo-nos assim a escrever simultaneamente. A primeira palavra foi: Vera. À nossa pergunta: Que Vera? Obtivemos por escrito o nome de família de uma jovem minha parenta, com cuja família eu tinha reatado relações recentemente, depois de uma interrupção muito prolongada. Surpreendemo-nos, e, para ficarmos bem certos de que não nos enganamos, perguntamos: É realmente Vera M.? Recebemos esta resposta: Sim. Durmo, mas estou aqui, e vim para dizer-vos que nos veremos amanhã no Passeio de Verão. Então deixei o lápis e em seguida nos separamos. No dia seguinte, (...). Nunca, durante o inverno, tinha passeado nesse parque. Convém dizer, também, que eu não pensava mais no que se tinha passado na véspera, em nossa sessão espírita. Julgai de minha surpresa, quando, apenas transposto em alguns passos a grade do Passeio de Verão, eu me achei face a face com a jovem Vera M., que passeava com a sua dama de companhia. Ao ver-me, a jovem Vera M. perturbou-se visivelmente, tanto quanto eu mesmo, aliás, pois que a nossa sessão da véspera me voltou subitamente ao espírito. Trocamos um aperto de mão e nos deixamos sem dizer palavra.
- 2 – Alguns dias depois, deu-se um fato semelhante e nas mesmas condições: na sessão, minha mão escreveu o nome de Vera, e em seguida nos foi anunciado que ela passaria por nossa casa no dia seguinte às 2 horas. Efetivamente, à hora indicada, ela se apresentava em nossa casa, com a sua mãe, para fazer-nos uma visita. Esses fatos não se renovaram mais.
- 3 – A 20 de julho de 1858, uma moça, Sofia Swoboda, achava-se com a sua família à mesa, (...). Bruscamente se lembrou de não ter desempenhado a sua tarefa, a tradução de um texto francês para o alemão, e que deveria estar pronto para o dia seguinte pela manhã. Que fazer? Era muito tarde para entregar-se ao trabalho: cerca de 11 horas; ela

estava, além disso, muito fatigada. Nessa preocupação, a jovem Soboda deixou os companheiros e isolou-se no quarto vizinho, pensando em sua incômoda distração, que ela lamentava tanto mais quanto era certo que votava estima particular à sua mestra. Mas eis que, sem aperceber-se, e até sem experimentar surpresa alguma, Sofia persuade-se achar-se em presença da Sra. W., a mestra em questão; dirige-lhe a palavra, dá-lhe parte, em tom jovial, da causa de seu pensar. Subitamente a visão desaparece e Sofia, de ânimo calmo, volta à reunião e conta aos convivas o que lhe sucedeu. No dia seguinte, a Será. W. chega à hora precisa e previne à Sofia, imediatamente, que está ciente de que o seu tema não está pronto, e faz a narração seguinte em presença da mãe de Sofia: na véspera, às 10 horas da noite, ela tinha lançado mão do lápis, para comunicar-se com o finado seu marido, por meio da escrita automática, como tinha por hábito fazer; mas dessa vez, em lugar de traçar o nome desejado e esperado, o lápis tinha começado a formular palavras em alemão, em uma escrita que reconheceu ser a de Sofia; eram termos graciosos, exprimindo descontentamento a respeito do tema que não tinha sido feito, por esquecimento. A Sra. W. mostrou o papel, e Sofia pôde convencer-se de que não somente a escrita era a sua, mas ainda que as expressões eram as que ela tinha empregado em sua fictícia conversação com a mestra. A jovem Sofia Swodoba, atesta que a Será. W. é pessoa de grande sinceridade incapaz de proferir a menor mentira (Psychische Studien, 1879).

4.5 O animismo no centro espírita

4.5.1 Como identificar o fenômeno anímico nas comunicações

Pelo que se depreende da lição de Manoel Philomeno de Miranda, em maior ou menor grau, sempre existirá o componente anímico no processo mediúnico, pois afirma que *em si mesmo, o animismo é ponte para o mediunismo que a prática do intercâmbio termina por superar. Todavia, vale a pena ressaltar que no fenômeno anímico ocorrem os de natureza mediúnica, assim como nos mediúnicos sucedem aqueles de caráter anímico*. Esclarece que *qualquer artista, ao expressar-se, na música, sempre dependerá do instrumento de que se utilize. O som provirá do mecanismo utilizado, embora o virtuosismo proceda de quem o acione*. Nessa linha de raciocínio, fecha seu posicionamento de que a interferência anímica é inafastável no transe mediúnico, ao menos no estágio de experiência em que nos encontramos, afirmando que *os valores intelectuais e morais do médium têm preponderância na ocorrência fenomênica, porquanto serão os seus conhecimentos, atuais ou passados, que vestirão as idéias transmitidas pelos desencarnados*⁴⁷.

Na mesma esteira, ensinou Herculano Pires: *os instrumentos da pesquisa espírita, como dizia Kardec, são os médiuns, instrumentos de extrema sensibilidade e complexidade. Todos os médiuns estão sujeitos a interferências anímicas nas comunicações que transmitem*⁴⁸.

Em pesquisa anterior sobre o Centro Espírita, Mauro de Mesquita Spinola observou a importância do estudo aprofundado do animismo no processo de desenvolvimento da mediunidade. Asseverou, apoiado nos autores clássicos que prosseguiram estudando o tema, e no próprio Kardec: *o médium que transmite mensagem de seu próprio espírito, quando em*

⁴⁷ Manoel Philomeno de Miranda. *Qualidade na prática mediúniuca*. 2000, p. 28.

⁴⁸ J. Herculano Pires. *Curso dinâmico de espiritismo – o grande desconhecido*. 2.000, p. 67.

estado de emancipação, realiza um fenômeno anímico mediúnico. Neste trabalho, no item 1.6, levanta-se um questionamento sobre essa questão, por parecer mais coerente a conclusão de que uma alma emancipada do corpo pode comunicar-se, mas o fenômeno seria de animismo puro ou não mediúnico.

Os autores evidenciaram bem a questão relacionada com a interferência do médium na comunicação mediúnica, levando a crer que o compromisso sério com a mediunidade, o seu exercício responsável, o estudo e a observação constantes poderão melhorar a qualidade das comunicações, minimizando a influência do intermediário. Com efeito, já se pode dispor na literatura espírita, com uma boa orientação teórica a respeito. O mesmo não ocorre, entretanto, com a questão das comunicações anímicas puras ou não mediúnicas, pois os recursos para identificá-las, diferenciando-as de outras comunicações, são praticamente inexistentes.

4.5.2 Com que incidência ocorre

Corroborando o pensamento predominante de que a compreensão do animismo é indispensável para um proveitoso estudo e desenvolvimento da mediunidade, Mauro Spinola afirmou:

Kardec estudou esse caso e concluiu que esse assunto é sutil e delicado, necessitando muitas observações e meditações antes de se concluir qualquer coisa sobre a natureza de determinado fenômeno. Concluiu também que é generalizada e natural a influência do médium nas comunicações. Isso nos leva à necessidade de rever duas posições: por um lado, o descuido na identificação dos fenômenos mediúnicos de natureza anímica e, por outro, o preconceito em relação a médiuns que apresentam características anímicas, confundindo-os com charlatães⁴⁹.

Importante lição do psicólogo espírita Jaci Regis alerta sobre a interação espírito-médium durante o transe mediúnico. Escreveu que *a característica dos mecanismos mediúnicos não admite a passividade total do médium. Nem podem ser esquecidos fatores psicológicos da personalidade do médium. Logo, é preciso, de qualquer forma, analisar, investigar, submeter qualquer produção mediúnica, de quem quer que seja, aos critérios estabelecidos pelo próprio Kardec para a avaliação da mediunidade.*⁵⁰

Como se vê, é indispensável saber a qualidade do trabalho mediúnico desenvolvido no centro espírita, não só para se poder utilizar este meio de estudo, pesquisa e desenvolvimento do conhecimento, mas, também, pela responsabilidade que todo centro espírita tem de dignificar a doutrina espírita, não permitindo que práticas aleatórias, místicas, contrárias à proposta de Kardec, denigram o espiritismo. Mais que isso, a mediunidade não pode servir dentro de um centro espírita, em nenhuma hipótese, a qualquer interesse particular e desvinculado do compromisso de contribuir para o crescimento e a melhora da humanidade.

Sem uma análise criteriosa das manifestações mediúnicas, esses objetivos não podem ser alcançados, a começar pela ausência de conhecimento sobre os tipos de fenômenos que se produzem nos trabalhos mediúnicos. É importante ter informação segura sobre eventuais mensagens anímicas, sua qualidade, sua periodicidade, as causas que as determinam etc.

⁴⁹ Mauro de M. Spinola. *Centro espírita: uma revisão estrutural*. 1997, p. 46.

⁵⁰ Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista*. 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 90.

4.5.3 O que tem sido feito

Quantos centros espíritas estão catalogando, nos trabalhos de mediunidade, as comunicações anímicas? Mesmo sem nenhuma informação concreta a respeito, só pela inexistência de literatura, artigos, palestras ou qualquer tipo de evidência do tema, pode-se supor que essa preocupação é rara.

O presente trabalho tem o objetivo de propor uma pesquisa que venha fornecer maior clareza nesta questão e, quem sabe, oferecer orientação mais objetiva para o enfrentamento de um trabalho que precisa ser praticado nos centros espíritas, porém, por falta de recursos, permanece à margem das atividades diárias nos grupos mediúnicos.

Não existem elementos que autorizem afirmar a inexistência de trabalhos neste campo, mas, da mesma forma, a conclusão contrária também seria temerária por falta de informação. O que se vê comumente é o total desprezo e a completa falta de compromisso com o estudo e a pesquisa em torno dos trabalhos mediúnicos. Pior, sempre que um integrante do centro espírita critica as mensagens ou a postura dos médiuns cria-se um melindre que acaba sempre com o rompimento dos laços afetivos e o afastamento do médium.

4.6 Um questionamento

Sem embargo do reconhecimento obtido pelos clássicos estudiosos do tema, bem assim da autoridade que lhes conferem as intensas pesquisas realizadas com seriedade e persistência, parece não estar claro o entendimento de alguns autores contemporâneos, a exemplo também do que defenderam os clássicos, de que há sempre mediunismo no animismo, ainda que a mensagem provenha do próprio espírito encarnado responsável pela sua transmissão.

A dúvida levantada neste trabalho nasce do pensamento discordante neste ponto, por entender que é possível ocorrer uma manifestação anímica sem o concurso de médium ou intermediário.

O próprio Aksakof escreveu: *“Para mim a luz só começou a despontar no dia em que meu índice me forçou a introduzir a rubrica de Animismo, isto é, quando o estudo atento dos fatos me obrigou a admitir que todos os fenômenos mediúnicos, quanto ao seu tipo, podem ser produzidos por uma ação inconsciente do homem vivo”*.⁵¹ A análise dessa explicação e de outras tantas parece sugerir que os mesmos fenômenos mediúnicos até então conhecidos poderiam igualmente se produzir pelo próprio espírito encarnado, situação diferente do fenômeno espírita. Recorde-se o seguinte trecho de Aizpúrua, transcrito no item 1.2 supra: *no espiritismo, o animismo designa certo estado de transe no qual quem está provocando e produzindo o fenômeno de efeitos psíquicos ou físicos é o espírito do próprio ser encarnado e não o espírito desencarnado, pois neste caso seria um fato mediúnico*. Noutro momento, escreve: *um mesmo tipo de fenômeno, seja físico ou intelectual, pode ser anímico ou mediúnico (...)*.⁵²

Embora Aizpúrua esteja contrapondo o animismo ao mediunismo, na verdade os clássicos apontaram uma dicotomia entre animismo e fenômenos espíritas, entendendo-se por

⁵¹ Alexander Aksakof. *Animismo e Espiritismo*. Vol. I. pp. 22-3.

⁵² Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo*. 2000, p. 153.

fenômenos espíritas aqueles produzidos por Espíritos desencarnados e por animismo, os produzidos pela alma ou espírito encarnado.

Tome-se para reflexão o seguinte ensinamento de Ernesto Bozzano:

*Nem um, nem outro logra, separadamente, explicar o conjunto dos fenômenos supranormais. Ambos são indispensáveis para tal fim e não podem separar-se, pois que são efeitos de uma causa única e esta causa é o espírito humano que, quando se manifesta em momentos fugazes durante a encarnação, determina os fenômenos anímicos e, quando se manifesta mediunicamente, durante a existência “desencarnada”, determina os fenômenos espíritos”.*⁵³

Em outro momento, na mesma obra, Bozzano diz que a denominação de “fenômenos mediúnicos” propriamente ditos designa um conjunto de manifestações supranormais, de ordem física e psíquica, que se produzem por meio de um “sensitivo” à quem é dado o nome de médium, por se revelar qual instrumento a serviço de uma vontade que não é a sua.⁵⁴ Afirma ainda:

*Segue-se que as duas classes de manifestações resultam de naturezas idênticas, com a diferença, puramente formal, de que, quando elas se dão por obra de um vivo, entram na órbita dos “fenômenos anímicos” propriamente ditos, e de que, quando se verificam por obra de um defunto, entram na categoria, verdadeira e própria, dos fenômenos espíritas. Evidencia-se, portanto, que as duas classes de manifestações são complementares uma da outra, a tal ponto que o Espiritismo careceria de base, dado não existisse o Animismo.*⁵⁵

Parece evidente a dicotomia entre os fenômenos anímico e espírita. Bozzano se encarregou de demonstrar que um não infirmava o outro e que ambos confirmavam o espiritismo. Aksakof apresentou uma classificação trinar, referindo-se aos fenômenos: anímico não mediúnico, espírita e anímico-mediúnico. É que a sua preocupação, como também a de Bozzano, era demonstrar que embora na causa desses fenômenos estivesse sempre o espírito humano, nem sempre ocorria um fenômeno espírita (comunicação do espírito desencarnado). As experiências, especialmente as de Bozzano, mostraram que poderiam provir também das almas (espíritos encarnados), tendo-se constatado, ainda, fenômenos anímicos através da mediunidade. Por anímicos mediúnicos, Aksakof define aqueles que envolvem participação de pessoas vivas em fenômenos mediúnicos tais como psicografia, psicofonia, aparições, etc.

Feita essa análise, não parece razoável a interpretação feita por Aizpúrua quando escreveu o seguinte: *O animismo não invalida a mediunidade, porque, em última instância, ao produzir-se um transe de caráter anímico, o sujeito está atuando como intermediário de seu próprio espírito, como médium de si mesmo.*⁵⁶ É certo que o animismo não invalida o mediunismo, mas é muito estranha a fundamentação por ele utilizada.

Seria mesmo razoável admitir que um espírito encarnado, emancipado do corpo físico, precisaria de um intermediário para manifestar-se? Toda a compreensão do fenômeno mediúnico alcançada até os dias atuais define o médium como intérprete. Pois bem, sendo lógica a proposta de Aizpúrua, o espírito encarnado serviria de intérprete para ele mesmo, emancipado

⁵³ Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* p. 9

⁵⁴ *Ibidem*. p. 51.

⁵⁵ *Ibidem*, mesma página.

⁵⁶ Jon Aizpúrua. *Os fundamentos do espiritismo*. 2000, p. 153

do corpo físico? Como poderia ser o emitente da mensagem e o intérprete ao mesmo tempo? Essa conclusão poderia levar à afirmação de que o médium ou o intérprete no fenômeno espírita é só o corpo físico, mas não é isso que se deduz do estudo Espírita. Contrariando essa possibilidade, destaca-se, a seguir, um texto de André Luiz, referindo-se ao médium desligado do corpo físico: *O médium, assim desligado do veículo carnal, afastou-se dois passos, deixando ver o cordão vaporoso que o prendia ao campo somático (...) não obstante liberto do vaso somático, prossegue em comunhão com ele, por intermédio do laço fluídico de ligação.*⁵⁷

O médium, de acordo com o conhecimento que nossa limitada percepção alcançou, é a pessoa humana; portanto, é o espírito encarando. Não seria unicamente o espírito, pois depende de uma pré-disposição orgânica, mas, também, não seria apenas a matéria, pois concorre na elaboração da mensagem que interpreta, a ponto de alguns autores escreverem que não existe comunicação mediúnica desprovida de certo componente anímico. Mais uma vez vale a pena citar André Luiz:

*Ainda mesmo no campo de impressões comuns, embora a criatura empregue os ouvidos e os olhos, ela vê e ouve com o cérebro, e, apesar de o cérebro usar as células do córtex para selecionar os sons e imprimir as imagens, quem vê e ouve, na realidade, é a mente. Todos os sentidos na esfera fisiológica pertencem à alma, que os fixa no corpo carnal, de conformidade com os princípios estabelecidos para a evolução dos Espíritos reencarnados na terra*⁵⁸.

Por essa razão, não parece existir mediunismo quando o fenômeno se traduz na manifestação de uma alma emancipada do corpo, como ocorre no sonambulismo, por exemplo; não haveria razoabilidade neste raciocínio. Leon Denis assevera que *o “eu” exteriorizado durante a vida e o “eu” que sobrevive após a morte são idênticos e representam dois aspectos sucessivos da existência de um único e mesmo ser.*⁵⁹

Tendo-se em conta que o fenômeno mediúnico traduz-se pela interpretação de uma mensagem proveniente de outra inteligência diferente da do médium, poder-se-ia afirmar que ocorrendo essa hipótese o caso seria de comunicação mediúnica ainda que o emissor da mensagem fosse encarnado; mas, como o termo animismo foi criado para referir-se às manifestações das almas ou espíritos encarnados, surgiu esta terceira categoria de fenômeno na classificação de Aksakof, denominada de anímico-mediúnica, não compreendida no animismo puro ou não mediúnico e tampouco no fenômeno espírita por não derivar de espíritos desencarnados.

Manuel S. Porteiro esclarece bem a desvinculação dos fenômenos anímicos dos órgãos sensoriais, fato que coloca ainda mais dúvidas sobre a necessidade de um intermediário para que os fenômenos anímicos aconteçam. Afirma claramente: *sem dúvida que os órgãos sensoriais não fazem aqui nenhum papel e que os centros sensitivos e motores pouco ou nada têm que fazer. E se, como dizem os psicólogos empíricos, toda função psíquica se realiza mediante um órgão e um centro cerebral, quais são os órgãos e os centros cerebrais da telepatia, da clarividência, da premonição, etc.?*⁶⁰

⁵⁷ Francisco Candido Xavier, pelo espírito de André Luiz. Nos domínios da mediunidade. pp. 98-9.

⁵⁸ Idem. ibidem. p. 110.

⁵⁹ Leon Denis. *O problema do ser, do destino e da dor*. 1.989, p. 91.

⁶⁰ Manuel S. Porteiro. *Espiritismo Dialético*. 2002. p. 51.

Na mesma esteira a lição de Bozzano, ensinando que essas faculdades pertencem a um plano qualitativamente diverso e absolutamente independente daquele em que agem os fatores da evolução biológica. Escreveu, a propósito:

As faculdades supranormais subconscientes, em vez de se exercitarem no plano da consciência normal, somente surgem sob a condição de que as funções da vida de relação se achem temporariamente abolidas ou apagadas, dependendo do grau, mais ou menos profundo, de inconsciência em que jaza o sensitivo, o grau de maior ou menor perfeição com que elas se exteriorizam. Ora, não se podendo negar que, imerso no estado de inconsciência, um organismo sensiente é um organismo temporariamente privado de qualquer relação com o mundo exterior – portanto, impotente para a luta pela vida – logicamente se segue que os fatores biológicos não podem, não puderam e não poderão nunca nenhuma influência exercer, por mínima que seja, sobre a gênese e a evolução das faculdades psicossensorias subconscientes.⁶¹

A propósito do questionamento levantado neste item, vale anotar a afirmação de Jaci Regis: *A melhor definição do papel do médium é que ele é o intérprete do Espírito comunicante. Isso afasta a pretensão de infalibilidade de alguns médiuns e a tolice sustentada por quem desconhece o mecanismo de que existam comunicações sem a interferência do intermediário.*⁶² Pois bem, partindo-se da afirmação de Jon Aizpúrua de que *no transe de caráter anímico, o sujeito está atuando como intermediário de seu próprio espírito, como médium de si mesmo* restaria indagar quem assume o papel de comunicante e quem seria o intermediário.

Finalizando, transcreve-se, por oportuno, mais uma lição de Jaci Regis: *Os fenômenos mediúnicos se caracterizam invariavelmente pela atuação de uma inteligência diferente e independente do médium.*⁶³

5 Um exemplo de projeto de pesquisa: Animismo

Segue uma proposta de projeto de pesquisa de estudo de caso sobre animismo. Segundo Yin, um protocolo para estudo de caso deve apresentar as seguintes seções:

- ✓ Uma visão geral do projeto de estudo de caso (objetivos e patrocínios do projeto, questões de estudo de caso e leituras importantes sobre o tópico que está sendo investigado).
- ✓ Procedimentos de campo (credenciais e acesso aos locais de estudo de caso, fontes gerais de informações e advertências de procedimentos)
- ✓ Questões do estudo de caso (as questões específicas que o pesquisador do estudo de caso deve manter em mente ao coletar os dados, uma planilha para disposição específica de dados e as fontes em potencial de informações ao se responder cada questão).
- ✓ Guia para o relatório do estudo de caso (resumo, formato de narrativa e especificação de quaisquer informações bibliográficas e outras documentações).

⁶¹ Ernesto BOZZANO. *Animismo ou espiritismo: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* p. 23.

⁶² Jaci Regis. *Introdução à doutrina kardecista*. 1ª ed. Santos: LICESP, 1997, p. 91.

⁶³ idem. *ibidem*. p. 93

Neste trabalho, estão sendo desenvolvidos os dois primeiros itens (e mesmo nestes são desenvolvidos apenas os aspectos essenciais). Os demais serão objeto de trabalho posterior, e são necessariamente mais vinculados ao contexto e local da pesquisa a ser efetivamente realizada.

5.1 Visão geral

5.1.1 Questões

Questão fundamental:

- ✓ Como distinguir se a manifestação em foco ou um conjunto delas provém da própria pessoa, de uma comunicação espírita ou de uma manifestação anímica?

Subquestões:

- ✓ Haveria algum elemento ou indício que autorizaria encaminhar o estudo para uma das opções?
- ✓ Quais são as características identificadoras da comunicação da própria pessoa?
- ✓ Quais são as características identificadoras da manifestação anímica?
 - Em que circunstâncias ou situações há maior chance de ocorrer o fenômeno anímico?
- ✓ Quais são as características identificadoras da comunicação espírita?
 - Sempre que o conteúdo revelar um conhecimento diferente/acima do nível do médium, é possível afirmar que se trata de comunicação espírita?
 - É possível concluir, com certeza, que se trata de comunicação espírita, apesar de não existirem elementos para identificar o espírito comunicante?

5.1.2 Proposições

Proposições (hipóteses):

- ✓ Há condições objetivas para diferenciar as três alternativas.
- ✓ Um estudo sério da mensagem pode descartar definitivamente as hipóteses de animismo e comunicação espírita.
- ✓ Só quando for possível reconhecer a identidade do espírito manifestante podem ficar descartadas as outras hipóteses (animismo e da própria pessoa).
- ✓ As manifestações reveladoras de conteúdos desconhecidos do médium podem ser anímicas ou espíritas.

5.2 Procedimentos de campo

Proposta: analisar a manifestação em foco isolada e conjuntamente. Considerar o contexto. Aspectos a considerar:

- ✓ aspectos relacionados com a mensagem: linguagem, conteúdo, assinatura, símbolos explícitos e implícitos (semiótica)
- ✓ aspectos relacionados com a autoria: é sempre o mesmo espírito? há coerência entre assinatura e mensagem? o espírito sempre se comunica através do mesmo médium? há dados ou informações que permitam confirmar a identidade?
- ✓ aspectos pessoais da vida do médium: tempo de conhecimento espírita, cultura (espírita e geral), saúde, família, profissão
- ✓ aspectos relacionados com o grupo mediúnico: há correlação entre as manifestações em foco e a presença ou ausência de um ou mais integrantes? número de integrantes, assiduidade, homogeneidade, tempo de formação
- ✓ instituição: prioridades, atividades principais, tempo de fundação, formação dos integrantes
- ✓ direção da reunião mediúnica: conhecimento e atitudes do dirigente, relacionamento do dirigente com a pessoa responsável pela manifestação investigada, experiência no trato com os espíritos

6 Conclusões

A preparação de um projeto de pesquisa requer, sempre, um estudo aprofundado do assunto, para permitir maior domínio das variáveis envolvidas na pesquisa. Para um estudo de caso, que em geral parte de um modelo teórico mais aberto e menos formalizado, essa preparação é fundamental. Para o projeto esboçado para pesquisa do animismo, confrontando-o com as demais alternativas de manifestações, foi necessário, para identificação das questões e proposições, bom conhecimento prévio dos trabalhos de pesquisa realizados anteriormente na área.

O protocolo esboçado mostra que o método de estudo de caso pode ser aplicado na pesquisa espírita, sobretudo em situações em que as questões-chave de pesquisa são "como" e "por que".

É necessário, como próximos passos:

- ✓ desenvolver os detalhes do projeto, adequando-o às características de cada contexto de estudo, e facilitando assim sua aplicação,
- ✓ aplicá-lo em contextos e grupos diversos,
- ✓ estabelecer intercâmbio entre os grupos,
- ✓ aperfeiçoar a teoria e propor novos estudos de casos.

Os grupos interessados neste trabalho estão convidados a integrarem-se a ele, entrando em contato com os autores ou com o CPDoc.

Referências bibliográficas:

- AIZPÚRUA, Jon. *História da parapsicologia*. Trad. Rubens Medran Moreira. São Paulo: CEJB, 2002.
- AIZPÚRUA, Jon. *Os fundamentos do espiritismo*. Trad. Leile Cacacci. São Paulo: CEJB, 2000.
- AKSAKOF, Alexander. *Animismo e espiritismo*. Trad. C. S. 3. Vol. II. Rio de Janeiro: FEB, 1978. 2v.

- AKSAKOF, Alexander. *Animismo e espiritismo*. Vol. I. prefácio da Edição Alemã. Rio de Janeiro: FEB, 1983.
- BOZZANO, Ernesto. *Animismo ou espiritismo: qual dos dois explica o conjunto dos fatos?* Trad. Guillon Ribeiro. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1982.
- BRYMAN, Alan. *Research methods and organization studies*. London: Unwin Hyman, 1995.
- DENIS, Leon. *O problema do ser, do destino e da dor*. 15ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1.989.
- FACURE, Núbior O.. *Muito Além dos Neurônios*. 2ª ed. São Paulo: Associação Médico Espírita de São Paulo, 1.999.
- GELEY, Gustavo. *Del inconsciente al consciente*. Editora Cultural Espírita León Denís C.A: Caracas-Venezuela, 1995.
- GHAURY, Pervez; GRONHAUG, Kjell; KRISTIANSLUND, Ivar. *Research methods in business studies: a practical guide*. Prentice-Hall, 1995.
- KARDEC, Allan. *Iniciação Espírita*. 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982.
- KARDEC, Allan. *Iniciação Espírita*. 7ª ed. Trad. Joaquim da Silva S.Lobo. Edicel: São Paulo, 1982.
- KARDEC, Allan. *O livro dos espíritos*. 3ª ed. Trad. J. Herculano Pires. Edicel: São Paulo, 1982.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos médiuns*. 55ª ed. Trad. Guillon Ribeiro à 49ª ed. Francesa. Rio de Janeiro: FEB, 1987.
- LAZZARINI, Sérgio Giovanetti. Estudos de caso: aplicabilidade e limitações do método para fins de pesquisa. *Economia & empresa*, v. 2, n. 4, p. 17-26, out/dez 1995.
- LUCCIA, Reinaldo Di. *Perispírito, nova abordagem*. Caderno Cultural Espírita. Ano 1, edição 1, 2002.
- MIRANDA, Manoel Philomeno. *Qualidade na prática mediúnica*. Salvador: LEAL, 2000.
- NAKANO, Davi Noboru; FLEURY, Afonso Carlos Corrêa. Métodos de pesquisa na Engenharia de Produção. In: ENEGEP – ENCONTRO NACIONAL DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, XVI, Piracicaba, 1998. *Anais*. Piracicaba: UNIMEP/ABEPRO, 1996 (CD-ROM)
- PIRES, J. Herculano Pires. *O homem novo*. 3ª ed. São Bernardo do Campo-SP: Correio Fraternal do ABC, 1989.
- PIRES, J. Herculano. *Curso dinâmico de espiritismo – o grande desconhecido*. 4ª ed. São Paulo: Paidéia, 2.000.
- PIRES, J. Herculano. *Introdução à filosofia espírita*. São Paulo: Paidéia, 1983.
- PORTEIRO, Manuel S. *Espiritismo Dialético*. 1ª ed. São Paulo: CEJB, 2002.
- REGIS, Jaci. *Introdução à doutrina kardecista*. 1ª ed. Santos: LICESP, 1997.
- SPINOLA, Mauro de M. *Centro espírita: uma revisão estrutural*. Santos: CPDoc, 1997.
- THIOLLENT, Michel. *Metodologia da pesquisa-ação*. 9. ed. Cortez Editora, 2000.
- XAVIER, Francisco Cândido e VIEIRA, Waldo, pelo Espírito de André Luiz.. *Mecanismos da mediunidade*. 14ª ed. Rio de Janeiro: FEB.
- XAVIER, Francisco Cândido, pelo Espírito de André Luiz. *Nos domínios da mediunidade*. 29ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2002.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.